

AMIGAS MIÚDAS

QUE

FAZEM MEL

SEM FERROAR

© do texto de Mario Tessari
© das imagens de Cleiton Geister

José Halley Winckler
idealizou esse projeto de divulgação da meliponicultura.

Mario Tessari
escreveu o texto.

Cleiton Geister
fotografou abelhas e colmeias.

Maria Elisa Ghisi
incentivou, apoiou e revisou o texto.

*Obra dedicada a todos os que fazem da vida
uma oportunidade para melhorar o mundo.*

SÍTIO DO VOZÉ

Asefe se sentia diferente no meio daquela galera de fones nos ouvidos e de olhos nos monitores. Até que gostava de internet, mas, era pra ver imagens de bichos e pra ler sobre a vida selvagem.

Se bem que um dos colegas de sala gostava de cavalos, vivia falando de cavalos e sonhava em ser jóquei. Tinha também um vizinho que criava cães. Porém, Asefe não se afinava com animais grandes e com o cheiro de esterco de animais presos. Preferia animais minúsculos, soltos e sem dono.

Uma manhã, Asefe viu uma formiga carregando outra formiga. Resolveu acompanhar o ‘funeral’. As duas passaram por uma roseira em que estava pousada uma vespa, que se interessou pela ‘comida’ e roubou a defunta. Esse acontecimento despertou muita curiosidade.

Ele correu para o computador e começou a pesquisar o comportamento das formigas e das vespas. Descobriu que são seres sociais, com elevados índices de organização ‘familiar’. Mergulhou nas imagens e nos textos; apaixonou-se pelos insetos.

Na hora do almoço, Asefe puxou conversa com os pais, que ficaram impressionados pelo entusiasmo com que o filho falava da ‘novidade’. A mãe prometeu então que, no feriado, o levaria para o sítio do pai dela e que o deixaria lá observando insetos durante dois dias.

Esperar alguns dias pode ser muito tempo. Principalmente, para quem está apaixonado. Aquela demora parecia eterna, tamanha a vontade de chegar logo ao sítio e andar pelos jardins e roças, acompanhando a vida miúda.

Enfim, o feriado chegou e a viagem começou. À medida que se afastavam da cidade, mais pássaros voejavam para todos os lados e até um lagarto atravessou a estrada, assustado com a intromissão deles.

Chegaram. Vozé estava tangendo as vacas do curral para a pastagem, o galo cantava no cercado e, logo logo, uma galinha carijó cocodecou anunciando mais um ovo no ninho.

Ali no sítio, tudo tinha seu lugar e sua hora: o gado no pasto, as galinhas no cercado, o milho na roça, as frutas no pomar, as hortaliças na horta e as guloseimas na cozinha.

Por falar em cozinha, a mãe foi direto pra lá. Asefe fez de conta que não havia vacas, cozinha ou porcos. Depois de abraçar Vozé, saiu pelo jardim

apreciando todos os seres vivos que, como ele, adoram flores. De repente, estalou na cabeça dele que as flores são o pasto e a cozinha para joaninhas, formigas, borboletas e beija-flores.

Aquela manhã parecia ser dia-de-festa no jardim do Vozé. Encontrou muito bicho conhecido tomando banho de orvalho e de sol. Mas... Que mosquito é esse que está com as pernas embolotadas de um farelo amarelo?

Olhando melhor, percebeu que tinha muito desses mosquitos loiros que iam ajeitando aquele pó amarelo nas pernas de trás; só nas de trás. Quando tinham bastante, eles voavam para longe.

Nesse instante, Vozé passou por ali e ele já foi perguntando:

– Que mosquito é esse amarelinho?

– Mosquito, nada. Isso é jataí. É bem diferente de mosquito: não pica a gente, não suga sangue e ainda faz um mel bem gostoso.

– Jataí? E onde vive?

– Bem... Vivem por aí. Catam o pólen e o néctar das flores e fazem ninhos nos ocos das árvores, nos buracos dos moirões de cerca, nas taipas, ...

– Vozé, você sabe de algum ninho desses?

– Vamos fazer assim: depois do almoço, levo você, morro acima, até aquela floresta. Lá, vive um velho

barbudo; ele tem muitas colmeias de jataí na varanda.

Asefe nem prestou atenção ao tanto de comida que a mãe e a avó fizeram e queriam que ele comesse. Sem fome, beliscou aqui e ali; só queria 'ir pro mato'. Porém, Vozé tinha suas manias e, antes de ir conhecer os ninhos de jataí, teve de esperar o avô tirar a soneca-de-todo-dia, mudar as vacas de piquete e apartar duas chocas que resolveram disputar valentia.

Finalmente, iniciaram a caminhada morro acima. Asefe ia enchendo os olhos com o verde das matas e com a alegria da passarada revoando em lindas coreografias. O ar entrava macio pelo nariz, trazendo cheiro bom de floresta.

Antes de chegar na casa do Véio Barbudo, Vozé, com muita cerimônia, foi pedindo que chamasse o velhinho barbudo pelo nome dele, que era Melo. Nada de falar Véio Barbudo. Pronto. Asefe fincou na memória: o nome do velho barbudo era Vomelo.

De longe, pelas frestas do mato, já dava de ver a casa. As janelas estavam abertas. Chegando mais perto, deu pra ver que ela era de madeira, com uma varanda das grandes e uns bancos compridos, de ripas, encostados nas paredes. Era uma casa muito bonita, com muitas árvores em volta, carregadas de frutas cheirosas.

Vomelo deveria ser aquele que estava andando pela varanda, onde havia fileiras de caixas. Ele olhava bem pra cada uma, como se estivesse procurando alguma coisa bem pequena.

Depois de vencer a forte subida da montanha, Vozé e Asefe estavam cansados; nem falavam pra não cansar ainda mais. Por isso, Vomelo só deu por eles, quando estavam nos degraus de pedra que davam na varanda. Veio, então, ao encontro deles:

– Ô, vizinho. Há quanto tempo você não subia a montanha?

– Pois é. O trabalho ficou em casa, me esperando...

– Ainda bem. A gente precisa também descansar, conversar com os amigos.

– Pois é, pois é.

– Me conte as novas.

– Vim te incomodá, quem sabe? Esse meu neto é muito curioso e quer conhecer as tuas jataís.

– Que coisa boa! Ele tá certo mesmo. Só assim você deixa o trabalho um instante e vem prosear um bocado comigo!

– Vim pedir um favor ao amigo. Você deixa o Asefe andar um bocadinho por aí? Ele promete não incomodar; ele é bem tranquilo; só quer ver de perto as tuas jataís.

– Tanta coisa bonita pra ver... Seja bem-vindo, meu jovem. A tarde está ótima para se apreciar a natureza.

E Vomelo virou-se pro lado daquelas caixas todas e foi andando varanda adentro, mostrando uns canudinhos tortinhos... Bah! Naqueles canudinhos... na ponta deles, ao redor deles... estava cheio daqueles mosquitinhos, de roupa amarela e botas pretas. Alguns parados, quietos; a maioria voando ao redor daquele canudinho. Então, era ali a casa das jataís que andavam nas flores da casa de Vozé? Os ninhos delas estavam naquela fila de caixas penduradas na parede?

Os dois vós conversavam uma conversa lá deles, falando de coisas da roça, mas, Asefe nem prestava atenção, tão entretido estava com a quantidade de jataís voando para todos os lados. Ficou maravilhado com as entradas de cera das casas delas. Aí, reparou que elas saíam vazias e entravam carregadas.

Estava assim distraído, quando Vozé veio recomendar que não incomodasse, que não mexesse em nada e que fosse bem-educado. Disse que viria buscá-lo no final da tarde.

Deu graças que Vozé foi embora, pois queria ficar ali só observando aquela multidão de jataís, entrando e saindo das caixas. Vomelo falava com

ele. Asefe ouvia e respondia ‘com educação’; entretanto, não despregava os olhos das jataís.

A tarde estava maravilhosa. Depois de encher os olhos, perguntou:

– Vomelo, elas são todas iguais? Elas entram em qualquer caixa?

– Não, menino. Elas são parecidas, mas, não são iguais. E cada uma sabe a sua casa. Elas vivem em uma sociedade mais organizada que a nossa: tem rainha, zangão, princesa, operária, cria nova, ...

– E tem príncipe também?

– Que eu saiba, não. Porque nunca terá um rei... Tem zangão...

– Cria nova é criança?

– Xi!!! Que menino esperto! Isso mesmo: pra criança de jataí, a gente diz ‘cria nova’. Bem... Aí, tem uma diferença: criança de jataí já nasce do tamanho das abelhas adultas e já começa trabalhar: aquece os favos de cria, faz faxina na colmeia, constrói potes, ... ajuda em tudo.

– E o Conselho Tutelar não manda prender os pais delas por obrigarem as crianças a trabalhar?

– Não. Os humanos é que complicam as coisas; na Natureza, a vida flui sem arbitrariedades.

– Então, ninguém manda?

- Ô, menino. Aí, seria bagunça. Tem quem manda, sim. É a rainha. É uma sociedade matriarcal. Nela, macho tem pouco préstimo. Só pra acasalar, mesmo.
 - Manda como, se elas não falam?
 - Boa pergunta. Elas se comunicam pelos cheiros. Você conhece o cafofo?
 - Cafofo?
 - Cafofo, fede-fede, maria-fedida, percevejo, ...
 - Então, ele fede?
 - Se alguém bulir com ele, ele fede; ele solta aquele cheiro horrível. Ele usa aquela catinga para afastar os predadores.
 - Pra se defender?
 - Isso mesmo. É como o gambá. Se alguém ameaça ou bate no gambá, ele solta catinga.
 - Toda jataí tem cheiro pra mandar?
 - Não. Manda a rainha. Ela produz feromônio de mandar, dar ordens, organizar a colmeia e o trabalho. Quanto mais e mais forte feromônio de mandar tiver a rainha, melhor ela organiza as tarefas e vida da família.
- Asefe ficou pensativo, tentando entender. Vomelo percebeu e complementou:

– Todas as abelhas produzem feromônios pra conversar, pra pedir ajuda, pra repelir intrusos, ... Essas abelhas que saem voando seguem trilhas de feromônios; podem também criar trilhas até o local que tem néctar pra fabricar mel, pólen pra alimentar as crias ou resinas pra construir pitos, trancar frestas, proteger os ninhos e construir favos de cria.

– Feromônios?

– São cheiros. Alguns animais marcam seus territórios com cheiros. Por exemplo, os cães urinam por onde passam para marcar o território que eles pensam que é deles. Esse é um cheiro ruim, pra afastar intrusos. Já, outros feromônios servem para atrair companheiros ou para conversar. Desses, a gente nem sente o cheiro: só os bichos mesmos é que sentem. Além de feromônios, que a gente nem percebe, tem o cheiro das colmeias; as colmeias de cada espécie de abelha têm cheiro característico; ou seja, um pouco diferente das outras.

E propõe:

– Vamos abrir uma caixa para você sentir o cheiro da casa de jataí.

Asefe nem imaginava ver como era o ninho por dentro, como as jataís ‘arrumavam a casa’. Que coisa linda! O berçário, os potes de mel, as abelhas

trabalhando, ...

Vomelo mostrou como experimentar do mel de jataí, colocando um dedo limpo no buraco aberto na parte de cima do pote. Doce. Bem doce. Porém, diferente do mel que a mãe comprava na feira.

– Vomelo, tem desse mel pra vender na feira?

– Pode que tenha, porém, não é em qualquer feira. Só em feiras de produtos orgânicos ou de produtos naturais. Pois, o mel de jataí é remédio ótimo pra garganta inflamada, pro bom funcionamento dos intestinos, pros olhos, ...

– Além de gostoso, ainda cura doenças?

– Não só cura, como também previne. Tem também o pólen. Veja esse pote aqui; está cheio de pólen.

– Pólen também serve pra comer?

– Sim. Tem vitaminas e muita proteína; serve pro crescimento dos animais. Pra crescer, as larvas precisam de proteínas. Depois de sair dos casulos, as abelhas dependem do mel, que dá energia para as abelhas trabalharem. As princesas e a rainha recebem comida especial fornecida pelas operárias.

– É mesmo!!! A jataí carrega bem as caçambinhas dela e nem para pra descansar.

– Essas ‘caçambinhas’ recebem o nome de corbículas, pois, parecem pequenas cestas sobre as

patas traseiras das operárias. Algumas trazem pólen nas corbículas, que é fácil de ver. Podem trazer também ceras ou resinas. As outras carregam néctar no abdome. Se prestar atenção, as que carregam néctar ‘parecem mais barrigudas’.

Asefe procurou prestar bastante atenção em cada abelha que chegava. Aos poucos, conseguiu ver que as abelhas que vinham com pólen tinham o abdome menor que outras que chegavam ao pito. Concluiu que essas outras traziam néctar ou água.

– Agora, já sei... aprendi...

– Dentro da colmeia, outras abelhas-operárias, quase sempre mais jovens, recebem, desidratam e preparam o néctar e o pólen para que sirva de alimento para a família.

– Eu gosto muito de mel – comentou Asefe.

– Além de gostoso, o mel fornece energia, que as jataís gastam trabalhando. Veja: são miúdas; mas, fortes, guerreiras. E o que comem? Mel e néctar.

– Vomelo, você encontrou todas essas colmeias no mato?

– As primeiras. É que eu adoro plantar árvores. Para isso, preciso de sementes de árvores. Bem... As sementes surgem das flores polinizadas e as abelhas-sem-ferrão são ótimas polinizadoras. Principalmente, das plantas que têm flores bem

pequenas. Elas colhem o pólen de uma flor e, ao passar pelas outras, sempre perdem um pouco de pólen e, assim, fecundam as flores. Bem... Assim, nascem as sementes das árvores que tanto adoro plantar. Andando pelo mato, percebi que havia mais e melhores sementes onde havia ninhos de abelhas-sem-ferrão. Dessas nativas; também chamadas de abelhas indígenas.

– Então, você já conhecia a jataí...

– Conhecer, conhecer... Bem... Foi então que conheci as jataís. Primeiro, vi algumas jataís nas flores de tarumã; depois, procurando, encontrei um canudinho amarelo e delicado entrando em uma fenda num tronco de caneleira. Ele era bem parecido com esses que saem dessas colmeias.

– Aí, Vomelo convidou as jataís pra vir morar aqui na varanda?

– Foi um pouco mais difícil. Depois de uma tempestade, fui ver o estrago e encontrei um ingazeiro grande caído na beira do rio. O tronco quebrou bem onde ele tinha um oco e, dentro do oco, havia muitos desses mosquitinhos dourados, todos em volta dos discos de cria, que, naquele dia, pensei que fossem favos de mel. Olhando bem, notei que elas estavam tentando proteger os filhotes que estavam por nascer.

– Dava de ver?

– Via algo que nunca tinha visto. Depois, soube que eram discos de cria. Naquele dia, fiquei preocupado: como ia salvar aqueles bichinhos? O ninho estava muito quebrado. Logo, vi que não tinha como consertar o tronco da velha árvore e eu jamais havia visto uma colmeia de jataí. Lembrei, então, de uma cabaça que eu usava pra guardar sementes. Vi que ela era grande o suficiente para colocar o ninho. Como a cabaça estava cortada como se fosse uma panela com tampa, ralei bem por dentro pra tirar as sujeiras e fui colocando os pedaços do ninho, mais ou menos do jeito que estavam no tronco quebrado. Com um pouco de uma cera grudenta que tinha em volta do ninho, coleí as duas partes da cabaça e peguei aquele canudinho de cera e coloquei num furo que fiz na cabaça. Bem... Aí cometi um erro: levei a cabaça pra casa, pra colocar num lugar seco.

– E isso tá errado?

– Tá, sim. No outro dia, voltei lá e tinha algumas delas voando e muitas outras andando pelos restos da casa delas.

– E ainda chovia?

– Não. Tinha parado. Vim pra casa com um peso na consciência; pensava: Como elas vão encontrar o ninho se eu escondi tudo na cabaça? Aí, tive uma ideia: levei a cabaça e coloquei em cima dos restos

do ingazeiro... Não há de ver que elas gostaram da proposta e começaram a entrar na nova morada.

– E ainda tão lá?

– Sabe o que aconteceu? O verão foi embora e vieram uns friozinhos enjoados e elas trancaram a porta da cabaça. Pensei até que tinham morrido... Mas, num dia um pouco menos frio, elas deram as caras e vi que eram elas mesmo que fechavam o canudinho. Ah!, pensei: quando elas trancarem outra vez a porta, levo elas pro paiol, na cobertura, pra proteger do vento, do frio e da chuva. Vi que elas gostaram e até hoje sempre coloco as caixas em um lugar com pouco vento, bem seco e maisquentinho.

A prosa estava animada, quando chegou o Vozé, pois, já estava querendo anoitecer. Vomelo desandou a falar da esperteza do menino, curioso em tudo e rápido de cabeça. O jeito foi Asefe suspirar comprido e deixar o resto da conversa pro dia seguinte.

Vozé via que o brilho nos olhos do neto poderia iluminar até a estrada na volta pra casa. Mal saíram da varanda, Asefe começou contar tudo o que aprendeu naquela tarde. Estava apaixonado pelas jataís.

Depois de andar um bocado, se garantindo que não seriam ouvidos, confessou:

- Agora, tudo mudou.
- O que mudou, menino?
- Ora. O Véio Barbudo é Vomelo. Olhando de olhar, a gente vê um velho barbudo, mas, falando com ele, a gente sente que ele é um vô docinho como o mel. Tão calmo e sem briga nas explicações... E, também, pra lidar com as jataí, só se for uma pessoa bem manera.
- É isso aí: a lida com as jataís é mesmo chamada de manejo.
- Manejo? Mas, manejo de quê?
- De mãos, menino. De lidar com as mãos. Jataí quer carinho de mãos; nada de máquinas automáticas. Jataí se desenvolve bem se o meliponicultor tiver um olhar manso e atento. E mãos jeitosas, é claro.
- Meliponicultor vem de mel?
- Também. Mel, Melo, Meliponini, melípona, ...
- Essas, então, são as que põem mel nos potes?
- Isso você deve perguntar pro Melo.

Nisso, chegaram em casa e a Vó tinha preparado muita coisa gostosa para a janta. Porém, Asefe, na ânsia de contar as novidades, mais falava que comia. Tomou banho ainda falando das novas amigas, as jataís, tão trabalhadeiras.

Quando a Vó enfiou ele debaixo das cobertas, o pensamento continuava na varanda de Vomelo. Como será que dormiam as jataís? E, aí, ele é que adormeceu.

Era ainda madrugada e Asefe já espiava pra fora da janela, procurando jataís. Bah! Como o Vozé e a Vó demoravam a acordar! Vestiu a roupa que a mãe tinha dito para usar naquele dia e foi pra cozinha esperar pelos dorminhocos. Bah! Como demoraram...

Finalmente, a Vó apareceu ainda muito sonolenta e pediu que ele ajudasse a arrumar a mesa para o café, que ia ser muito gostoso. Ele nem queria comer; disse que estava sem fome, que queria mesmo era ir logo lá no Vomelo. A Vó, então, riu muito dele, que estava tão interessado 'naqueles bichinhos'.

Bah! Como demorou até Vozé decidir levar ele lá no Vomelo!!!

Mas, agora estavam na estrada. Asefe ia bem à frente, parando vez em quando à espera do avô.

Vomelo esperava na varanda, com um sorriso no rosto. Estava ansioso para mostrar as colmeias que estavam debaixo das árvores, ao redor de casa e, mesmo longe, no meio do mato.

Vozé estava com pressa e nem bem chegou, já foi voltando, com as mesmas recomendações do dia

anterior: que fosse educado e que não causasse problemas.

Asefe ainda espichou os olhos pra varanda, com saudades das jataís. Entretanto, Vomelo já se escondia atrás da casa, sempre falando sem parar. Correu pra lá e ... levou um susto.

Viu as abelhas saindo das caixas. Ficou sem saber se corria ou se gritava. Também, ficou admirado que Vomelo andasse sem medo no meio de tantas abelhas grandes voando agressivamente ao redor dele e que continuasse falando e rindo... até reparar na palidez de Asefe, ali pregado no chão.

– Que foi, menino?

– (Silêncio e olhos arregalados.)

– Já sei. Pensou que eram abelhas ferozes. Essas não são aquelas abelhas que metem medo. Essas são abelhas-sem-ferrão; essas não picam a gente.

– Não picam?

– Não. Veja: estou do lado delas. Essas são abelhas nativas do Brasil; são abelhas brasileiras.

– As que picam não são brasileiras?

– Não. Vieram do estrangeiro: da Europa e da África. Essas ‘estrangeiras’ é que picam.

– Então, as abelhas brasileiras nasceram aqui, não vieram do estrangeiro?

– Os índios já conheciam essas abelhas e gostavam muito do mel delas. Algumas tribos até criavam essas abelhas em cabaças. Por isso, elas são também conhecidas como ‘abelhas indígenas’.

– Essa daí é uma ‘abelha indígena’?

– Mandaçaia. Até o nome é indígena. Quer dizer: ‘vigia bonita’, porque tem sempre uma delas de guarda na porta.

Bem... Vomelo era muito bom e nunca havia mentido pra ele. Por isso, Asefe garrou confiança e foi chegando devagarinho, passo-a-passo... Até ver mesmo que elas não estavam nem aí com ele; queriam era trabalhar. Trabalhavam mais que as jataís; iam e voltavam muito dispostas.

Vomelo foi logo erguendo a tampa da caixa, assim sem medo nenhum. E as abelhas – quer dizer – as mandaçaias andavam por ali e voavam em redor, mas... não ferroavam, não. E como eram grandes os potes de mel!!! Pareciam ovos de mel.

E, outra vez, Vomelo deixou ele meter o dedo limpo no mel e lamber o dedo, várias vezes. O gosto era diferente do mel de jataí; mais forte, de sabor inesquecível. Que delícia!!!

Tinha muita colmeia de mandaçaia e todas elas bem amigas, nem ameaçavam ferroar. Eram pretas com umas listras amarelas nas costas. Bem parecidas com as abelhas que ferroam a gente,

porém, com a parte final do abdome arredondada, sem ponta e sem ferrão.

Aí, Asefe voltou ao normal e, de novo, ficou curioso:

– Vomelo, só as mandaçaia são abelhas indígenas sem ferrão ou as jataís também são?

– Mandaçaia, jataí, guaraipo, manduri, jandaíra, plebeia, borá, bugia, tiúba, tubi, tubuna, urucu, irai, mandaguari, ... Tem mais de trezentas espécies de abelhas-sem-ferrão.

– E aqui... também tem?

– Tem colmeias de algumas espécies: as de nossa região. Assim, é mais fácil pra elas e pra mim. Elas se sentem ‘em casa’.

– Cada abelha-sem-ferrão é de cada região?

– Umas poucas espécies são encontradas em todo Brasil. Às vezes, são bem parecidas, como umas amarelonas que a gente vai ver aí pra cima, no entanto, diferem um pouco e recebem nomes diferentes em cada região brasileira.

Asefe estava confuso. Jataí era abelha-sem-ferrão. Mandaçaia também era. E tinha mais outros tipos de abelhas que não picavam. Como é que, na escola, ninguém sabia de uma coisa tão importante e tão boa? Precisava contar pra galera toda; eles iam ficar com inveja dele que tinha visto tanta coisa bonita e que tinha se lambido com um mel

tão gostoso.

Estava tão distraído com esses pensamentos que, quando procurou, Vomelo já ia distante, por uma trilha morro acima. Apressou o passo para chegar mais perto e fazer mais perguntas.

– Vomelo, posso trazer meus amigos pra ver as abelhas-sem-ferrão?

– Vamos pensar... Se eles forem como você, que gosta da natureza, dos animais, que respeita o meio ambiente, ... Vamos ver, vamos ver.

Tinham caminhado um tanto e as pernas estavam pedindo descanso. Pararam, então, em um lugar em que as árvores deixaram uma janela que mostrava longe. A montanha em que Vomelo morava era alta e, de lá, dava de ver o sítio do Vozé: o açude dos peixes, as cercas das pastagens, as vacas roendo grama e uma fumacinha saindo da chaminé do fogão a lenha.

Vomelo falou da tristeza que dava ver, pra bandas daquelas montanhas, lá longe, a terra pelada, lavada pela chuva. Disse que a terra sofre muito com os venenos e com as queimadas. Apontou, adiante, uma roça de milhos desbotados, que tinham crescido só metade do tamanho. De fato, era muito triste de se ver.

Porém, precisavam continuar a caminhada para chegar até às amarelonas. E logo apareceu a

primeira caixa, com muitas abelhas amarelas entrando e saindo da entrada feita de barro. Vomelo aproveitou para explicar que esse barro não era puro barro; que as abelhas pequenas, como as jataís, fazem os canudos de cera com própolis e que as maiores, usam barro misturado com própolis, pra ficar mais firme e não desandar com aquela aguinha que elas soltavam pra fora.

Ah! Disse também que aquela aguinha era a umidade que elas retiravam do pólen, pra conservar melhor a comida delas.

Nas entradas das colmeias, eram tantas abelhas entrando e saindo que até dava congestionamento e umas tinham que esperar as outras passarem. Essas também eram lindas!!! Estava difícil dizer qual era mais bonita.

Ali, também viram ninhos e muitos potes de pólen e muitos potes de mel. O mel era bem diferente, mais mole.

Quando soprou um vento, veio uma garoa e um barulho de água batendo nas pedras. Asefe quis logo saber o que era aquilo. Vomelo contou então que, andando pr'aquele lado, eles iam encontrar uma cachoeira. Era pouca água; apenas um corguinho de água bem fria.

Foram andando e, antes da cachoeira, já encontraram outras colmeias de abelhas: eram as

guaraipos. Vomelo explicou que elas precisam estar sempre perto da água, por isso é que ele colocou aquelas colmeias ali.

Mais uma vez, Vomelo abriu umas caixas e eles meteram o dedo limpo nos potes e lamberam o mel. O mel das guaraipos é mais gostoso ainda. Delicioso!!!

Pena que o tempo voou e eles tiveram que voltar pra casa. Mesmo voltando, Vomelo continuou a conversa:

- Sabe, Asefe, depois que encontrei aquela primeira jataí, nunca mais tive gripe. Talvez, seja do mel que sempre roubo um pouco dos potes delas... Mas, nunca mais tive gripe.
- Se eu tiver em casa uma jataí também não vou mais ter gripe e dor de garganta?
- Uma colmeia de jataí ou o mel de jataí. Ou as duas coisas.
- Mas, eu moro na cidade...
- Pois, tem jataí que mora na cidade também.
- Quando a mãe chegar, vou pedir que ela compre pra mim uma caixa de jataí, dessas que moram na cidade.
- Pode ser qualquer uma. Elas logo se acostumam com a cidade, pois, flores há em muitos lugares.

E entraram na varanda do Vomelo, com todas aquelas caixas de jataís. Vozé já estava ali sentado num dos bancos, à espera deles.

– Vozé, o Vomelo disse que eu nunca mais vou ter gripe, porque comi mel de abelha-sem-ferrão.

– Ô Melo, o que você andou enfiando na cabeça do meu neto?

– Os jovens de hoje aprendem o que querem aprender. Se ele não tivesse interesse, nem adiantava forçar... Aprendeu porque decidiu conhecer; aprendeu porque viu as colmeias com os olhos dele e sentiu o gosto do mel com a língua dele.

– Mas, dizer que ele nunca mais vai pegar uma gripe...

– Pois, foi o que aconteceu comigo. Claro que, vez em quando, passa por mim uma esquadrilha de vírus. Porém, o corpo tá preparado e rebate. E tem mais: as abelhas dão muita sorte, mesmo. Depois que passei a criar abelhas-sem-ferrão, nunca mais faltou dinheiro em casa. Passou a tristeza, nunca mais estive doente, ... Não sei explicar, mas parece que todas as coisas começaram a dar certo.

Asefe concordava lá dentro dele. Ele também, desde ontem, estava muito feliz, não sentia dor de dente, nem dor de nada e se considerava um menino de sorte.

A VOLTA PARA CASA

Quando o avô e o neto iniciaram o caminho de volta, o Sol já se debruçava sobre a crista da serra, procurando um lugar para passar a noite. Cada um deles voltava para casa satisfeito com os acontecimentos do dia. O avô, por ter tido uma tarde de descanso; o neto, por ter colhido um balaio de novidades.

Depois de uns minutos de silêncio contido, Asefe contou para Vozé todas as maravilhas que viu na montanha de Vomelo: além de jataís, mandaçaias, amarelonas e guaraipos, tem muita floresta, um corguinho de águas muito limpas, flores por toda parte e pássaros voando, empoleirados nas árvores e, até, andando pelo chão. Muito mais que no pequeno jardim da casa dele, lá na cidade.

Vozé sabia de tudo isso, porém, considerava muito melhor o sítio dele, com lavouras produtivas, vacas de raça, galinhas poedeiras, antena parabólica, energia elétrica por toda parte e estrada de fácil acesso. Jamais aceitaria morar no meio do mato, como um índio.

– E, se eu pudesse, iria morar na cidade, como

minha filha. Perto da Igreja, ao lado do Hospital, com emprego que rende dinheiro todo mês, sem precisar me preocupar.

– Vozé, as coisas não são bem assim. Na cidade, tem emprego e meios para se conseguir quase tudo; mas... todo mundo anda sem tempo, procurando uma vaga para estacionar o carro, fechando as portas com muitas chaves, ...

– É o que tua Vó também diz; ela detesta o cheiro da cidade. Ela diz que é poluição.

E foram descendo pela estrada que passava debaixo das árvores.

– Na cidade, tem muita poluição e muita ilusão. Aqui vocês vivem em paz.

Logo que saíram do mato, já dava de se ver a casa lá embaixo, as vacas aguardando na porta do estábulo, a Vó e a Mãe andando ao redor de casa, colocando coisas dentro do carro. Estavam tão entretidas que nem perceberam os ‘homens’ chegando.

Asefe queria mesmo era contar pra elas, tudo de uma só vez, o que viu nesses dois dias. Mas, nem arriscou. A mãe e a Vó mal olharam para ele; cuidavam mesmo era das coisas que a Vó mandava pra cidade, como colocar direitinho a bandeja, que era para não quebrar os ovos. Também, ia leite, mel e até um frango, morto, depenado e pronto

para ir para a panela. O pai adorava frango ‘caipira’. Pra azar do frango...

Com a mãe, teria chance de falar no carro, enquanto voltavam. Se ela deixasse, pois tinha sempre medo de se distrair. Preferia ficar atenta à estrada.

A Vó? A Vó nem se interessava por ‘essas maluquices de menino’. Só perguntaria:

– Esses bichinhos podem ajudar a arrumar a casa? Lavar a roupa? Fazer comida?

E ela mesma completaria:

– Não. Então, não quero saber deles.

Asefe relevava, porque a Vó não tinha provado do mel delas e nem sabia que elas não ferroam. Um dia, ainda ela saberá, pensava Asefe.

E a despedida foi como sempre foi. A Vó tinha esquecido do pano de prato que tinha bordado especialmente para a filha e quase que esquece de entregar a roupa do Asefe, que ela lavou, secou e passou a ferro, mesmo que tenha sido repreendida para não fazer isso.

Vozé também, na última hora, lembrou de entregar umas frutas colhidas naquele dia, mais uma raiz de gengibre que era para acalmar a tosse do genro.

Foi aí que Asefe riu por dentro, porque, quando ele tivesse as jataís dele, o mel acabaria com a tosse do

pai e até com as gripes da mãe. Estava assim divagando, quando percebeu que tinha esquecido uma coisa importante. E não era nem o fone de ouvido, nem as sandálias; esqueceu foi de pedir para Vomelo uma colmeia de jataí.

Mas, agora era tarde. Nem adiantava falar isso pro Vozé. Ele estava, como a mãe e a Vó, com aquela cara de despedida, metade alegria, metade tristeza, falando várias vezes as mesmas coisas, como que para garantir que tudo fosse ouvido e guardado de cor. Melhor ficar quieto. Falaria da próxima vez.

Finalmente, a porta do carro foi fechada pela última vez e eles começaram a viagem para casa. A mãe mandou Asefe virar para trás e acenar para os pais dela, que estavam abraçados, sacudindo as mãos que ficaram livres. E, assim, abanaram e foram abanados até o carro sumir na curva do caminho.

Demorou começar a conversa. Asefe olhava de canto para ver se a mãe já estava mais calma e pronta para ouvir. Depois de muita estrada, ela mesma é que deu o sinal, perguntando como tinha sido a visita ao sítio.

– Vomelo é muito bom e as abelhas são bem calmas.

– Vomelo? Quem? Você andou inventando nomes... Foi alguém que visitou o Vô?

- Não. Não. O Vozé é que visitou o Vomelo.
- Eu levo você para visitar o avô e a avó e você não tem nada para dizer?
- Sim, tenho. A Vó é muito boazinha e o Vozé trabalha bastante...
- Só isso. Você não conversou com eles?
- Conversei. O Vozé até disse que quer morar na cidade, como a gente.
- Ele disse isso?
- Disse. Quando a gente estava voltando do Vomelo.
- Ah! Estou entendendo. Vomelo é o ‘seo’ Melo.
- É. É.
- E o que o Vô foi fazer lá.
- Vozé só me levou lá. Ele nem quis ficar conversando...
- E você ficou... conversando?
- Sim. Fiquei. Conversando com Vomelo. Ele me mostrou as abelhas.
- Abelhas? Que perigo!!!
- Mãe, as abelhas que ele mostrou são as abelhas-sem-ferrão; elas não picam.
- Abelha que não pica!!!

– Sim. Tem mandaçaia, bugia, jataí, jandaíra, guaraipo, ... Ele disse que tem umas outras, na casa de um vizinho.

– Novidade. Abelha que não ferroa...

– Elas são bem diferentes. Elas colocam o mel em potes e não em favos.

– Qualquer pote?

– Não, mãe. Potes de cera que elas mesmas fazem.

Parecia que a mãe não acreditava. Ficou calada, prestando atenção na estrada. Entretanto, já estava diferente. Dava para ver que ficou curiosa.

Asefe calou a boca. Melhor esperar que a curiosidade amadurecesse.

E não tardou.

– Essas abelhas não são abelhas domésticas? São abelhas do mato?

– Ô, mãe. Toda abelha é silvestre, depende da natureza; tem a casa delas, mas, não vive presa. Podem estar em apiário ou meliponário, mas, são livres para voar, coletar pólen e néctar das flores.

– Eu quis dizer que é criada para fazer mel...

– Acho que a senhora está pensando em abelha africana.

– Isso mesmo: abelha africana.

– É. Essa ferroa. Por isso mesmo, não é doméstica; não pode ser colocada perto de casa.

– Onde o ‘seo’ Melo arranjou essas abelhas diferentes?

– Na mata, onde tem bastante árvore e nenhum veneno.

– Então, vocês foram andar pelo mato?

– Também. Mas, as jataís moram na varanda e as mandaçaias, ao lado da casa. Não tem perigo.

– Parece.

E mais uma vez, a mãe apertava os lábios, sinal que estava pensativa. Que tal arriscar a pergunta que passeava na cabeça dele? E perguntou:

– Mãe, você compra uma jataí para mim?

– Como, meu filho? Lá em casa nem tem árvore.

– Mas, tem flor. Tem a varanda, com bastante sombra e pouco vento.

– Abelha na varanda? Mas, você não disse que elas são silvestres?

– É que a jataí aprendeu a viver na cidade. Em qualquer cantinho.

– E para que criar jataí?

– Porque são lindas e bem divertidas; porque fazem um mel-remédio, bom para tosse, para dor

de garganta, para gripe e até para os olhos.

– Tudo isso?

– Sim. E de graça. Elas mesmas é que trabalham para ganhar o-que-comer.

Asefe prestou bem atenção e concluiu que a mãe também já estava interessada na jataí. Ah! Por que ele não pediu uma para o Vomelo? Se bem que, antes, precisava convencer também o pai. Era ele que sabia parafernalar uma prateleira na parede da varanda para colocar a caixa.

E entraram na cidade. Agora, era muita sinaleira, muita buzina e adeus conversa. Precisava mesmo era falar com o pai. Ele era mais ligado nessas coisas de natureza. E, naquela noite mesmo, contou toda a aventura de visitar Vomelo e de conhecer as abelhas-sem-ferrão.

Claro que precisou esperar acabar o futebol que rolava na TV. Durante o jogo, o filho ficaria papagaiando e o pai responderia apenas uhhhhmmmm, uhhhhmmmm. Demorou, mas, o jogo acabou e o pai, finalmente, olhou para Asefe:

– Fala, filhão, como foi o passeio? O Vô e a Vó te entupiram de comida?

– É. Eles querem que eu coma bastante para crescer depressa e dar um bisneto para eles...

– E, além de comer muito, o que você aprontou por

lá?

– Nem precisou aprontar. Estava tudo pronto, esperando para ser conhecido...

– Ué!!! Tinha coisa nova lá no sítio, coisa que você ainda não conhecia?

– Eu conhecia todo o sítio do Vozé, mas, nem imaginava que, naquela floresta que eu via dali, moravam o Vomelo e muitas abelhas.

– Abelhas??? Eu sabia que o ‘seo’ Melo morava no mato, mas... que criava abelhas...

– Lá é muito bonito, muito bom. Tem muita jataí, mandaçaia, bugia e guaraipo.

– Peraí. Devagar. Era abelha, agora é jataí... e mais outros bichos...

– É assim: além das abelhas que o senhor conhece, existem outras que não têm ferrão, que não picam.

– Como é isso?

– As abelhas-sem-ferrão são abelhas daqui mesmo. Abelhas indígenas, abelhas brasileiras.

– Aaaaaahhh!!!

– Só vendo mesmo. É melhor o senhor ir lá no Vomelo e ver o senhor mesmo. Não adianta explicar assim só falando. É preciso ver o ninho delas, enfiar o dedo no pote de mel, sentir o cheiro de cada tipo de cera.

– Pois é. Faz tempo que não vejo meu sogro...

– Aproveita e vai até o Vomelo.

E, aproveitando o vacilo do pai, emendou:

– Aí, o senhor compra uma jataí pra mim.

– Comprar? Mas, o ‘seo’ Melo vende?

– Esqueci de perguntar...

– Pois é.

– Quem sabe ele pode me dar uma jataí? Eu esqueci de pedir...

– Pois é, pois é.

Asefe percebeu que estava ‘espichando demais a linha’; que era melhor aguardar um tempo, preparar melhor o espírito do pai.

Naquela noite, toda a pequena família dormiu feliz: Asefe sonhando com jataís; a mãe satisfeita com os beijos e abraços dos pais, com a alface bem macia, com os ‘ovos caipira’, com o maracujá para fazer suco, com as bananas sem agrotóxicos, com ... E o pai, comemorando a vitória do time dele e a primeira colocação na tabela do campeonato.

ASEFE VOLTA ÀS AULAS

Asefe chegou à escola até mais cedo do que

costumava chegar. Ainda tinha pouca gente pelo pátio e o pessoal da limpeza andava apressado de lá para cá. Voltou para a rua e teve de esperar a chegada dos amigos.

Finalmente, chegou um que não era tão amigo assim... mesmo assim, ele, por pura ansiedade, foi logo falando:

– Cara, vi um bichinho massa.

– I daí?

Asefe aquietou. Percebeu que aquele estava noutra. Sorte que logo chegou um que pensava mais ou menos como ele. Contou, então, de uma golfada:

– Lá pertinho do sítio do Vozé, mora um homem barbudo, com uma barba comprida assim, que cria muitas abelhas. Abelhas bem diferentes daquelas abelhas que ferroam a gente.

Esse amigo logo se interessou e quis saber mais:

– Abelha boa? Bem mansinha?

– Isso mesmo: bem mansinha. Pode tocar nela e tudo.

– É abelha igualzinho às abelhas, só que mansa, não ferroa?

– Tem de muitos tipos. Do mesmo tamanho da abelha ferroenta, menor que ela e, até, bem pequenininha. Tem uma que é quase da mesma cor

dessa ápis, a abelha que ferroa. E tem também de cor quase preta.

– Você não trouxe uma pra gente vê?

– Pois é. Esqueci de trazê.

Aí, já tinha mais gente chegando e formaram um pequeno grupo de amigos ligados à ‘vida miúda’. Com as mochilas nas costas, foram passando pelos grupos de colegas de escola, animados com a última música de sucesso e com as novidades na Casa do Tênis. Outros corriam contra o tempo, copiando dos colegas os deveres que não fizeram em casa.

A conversa corria solta quando tocou o sinal para o início das aulas. Aí, tiveram de ir cada qual para sua sala e deixar o resto da notícia para a hora do recreio.

Por sorte, a primeira aula era aula de Ciências. Então, Asefe poderia falar das amigas miúdas, pois era assunto de Ciências mesmo e não estaria atrapalhando a aula. Mas, só para os amigos que eram também colegas de sala. Os que estudavam em outras salas teriam de esperar a hora do recreio.

A professora organizou os trabalhos, distribuiu as tarefas e ficou acompanhando tudo com atenção. Logo que as equipes concluíram os trabalhos, começaram as apresentações. O tema de uma das

equipes era “A Importância dos Polinizadores.” Estava do jeitinho que Asefe precisava. Aguardou a ‘hora de fazer perguntas’ e indagou:

- Vocês conhecem abelhas-sem-ferrão?
- Abelhas que perderam o ferrão? – perguntou um engraçadinho.

Asefe manteve a calma, pois imaginava que, para a sala inteira, tudo seria novidade. (Porém, mais adiante, vamos ver que não era novidade para todos.)

- Aí, seria uma abelha dessas africanas que perdeu o ferrão quando atacou alguém que ela percebeu como ameaça. Uma abelha que picou o exibido e deixou o ferrão fincado nele.

A turma riu, mesmo sem entender direito. Asefe, então, se encheu de segurança e foi explicando:

- Difícil aqui um que não levou uma ferroadada da abelha braba, da abelha africana. Essa desenvolveu bem o ferrão, para atacar os ladrões de mel. Porém, na abelha mansa, na abelha brasileira, o ferrão só cresceu bem pouquinho; nem dá de ferroar com ele. Essas são denominadas abelhas-sem-ferrão.
- Nunca vi dessas... – atalhou alguém.
- Eu também nunca tinha visto. Tem muito tipo de abelha-sem-ferrão; tem mandaçaia, tem jataí, ... tem jandaíra, tem mirim, tem guaraipo, tem

manduri, ...

– Tem aonde?

– Pertinho da casa do meu avô.

– E o que a abelha-sem-ferrão tem a ver com polinizadores? – perguntou a professora.

– As abelhas-sem-ferrão são as que mais vão nas flores das árvores – assegurou Asefe, todo cheio de convicção. São elas que ajudam a árvore a produzir semente boa de germinar.

Aí, a professora abriu a boca, que era para escutar melhor, porque eram as árvores as que mais careciam de polinização, para gerar florestas, que geram clima bom, que protegem as nascentes de água potável e que encantam os olhos de se ver. Por isso, ela perguntou mais:

– Quem te ensinou isso, Asefe? Foi teu pai?

– Não. O pai também não sabia. Aprendi foi com Vomelo.

– Vomelo?

– Vomelo. O vizinho do Vozé.

A turma também não conhecia Vomelo e Vozé.

Mais uma vez, Asefe teve de explicar:

– Vozé é meu avô, pai da minha mãe. E Vomelo é ‘seo’ Melo, vizinho de meu avô.

Todos ficaram em silêncio, aguardando mais informações.

– Vomelo me mostrou as jataí, as mandaçaia, as bugia, as guaraipo, ... Deixou também lamber um pouco de mel de cada espécie. Uma delícia!!! Ele me explicou tudo, mas... só lembro de uma parte.

– Elas são todas iguais?

– Não. Cada uma é um pouquinho diferente...

Asefe tentou explicar. Todavia, ele mesmo já estava misturando a asa de uma com a cor da outra.

– Para saber as diferenças... só mesmo vendo.

A professora, percebendo que todo mundo gostou daquele assunto, ficou imaginando uma ‘aula prática’:

– Tem como esse Vomelo vir até aqui explicar tudo outra vez?

– Esqueci de perguntar pra ele...

A professora, então, encarregou Asefe de verificar se Vomelo aceitaria o convite para vir explicar tudo direitinho e mandou seguir a apresentação, senão, terminava a aula e o trabalho ficava pela metade.

Asefe estava todo cheio. No entanto, tinha um problema. Ele pediu para Vomelo se podia levar a turma lá para o sítio, mas... será que ele aceitaria chegar até a escola para ‘dar uma aula’?

Foi para casa, preocupado. No entanto, a preocupação só durou até a chegada da mãe, pois ela ficou tão contente que poderia ajudar na escola do filho, que até prometeu ali mesmo que falaria com o pai dela para falar com ‘seo’ Melo para ele fazer esse favor.

PROFESSOR VOMELO

Assim, ainda naquele mês, tiveram aula com o ‘Professor Vomelo’, todo sorridente, todo prosa. Era a primeira vez que uma escola se interessava por esse trabalho que ele fazia com tanta paixão, que era ajudar a natureza.

Com aquela calma dele, ‘Professor Vomelo’ falou que era muita coisa para dizer em pouco tempo; que ia falar só uns começos, que o resto cada um tinha de pesquisar na internet ou ir até o sítio dele para entender melhor.

Primeiro, ele falou que o problema das abelhas-sem-ferrão era exatamente não terem ferrão. Que, por não ferroarem, eram saqueadas para levar o mel. O pior era que os predadores deixavam os ninhos aos pedaços; rebentavam o cortiço, cortavam a árvore, quebravam o cupinzeiro ou

viravam as pedras que serviam de casa para elas. Aí, depois que os ladrões de mel iam embora, as coitadinhas ficavam ao relento, desprotegidas das formigas e de outros bichos.

Outro problema, segundo ele, era que as rainhas das abelhas-sem-ferrão são muito pesadas e não conseguem voar como as rainhas de abelhas ápis, dessas abelhas que tem ferrão.

Explicou que, se a gente tira uma ‘meleira’ de ‘africana’ e deixa a ‘casa’ quebrada, o enxame vai procurar outro oco para se esconder e a rainha vai com a família. No entanto, as abelhas-sem-ferrão sabem que a rainha não consegue voar, por isso ficam ali com ela, sem casa e sem proteção. O mais das vezes, acabam morrendo de frio, de fome, engolidas por algum bicho ou queimadas pelo sol.

Apesar de Vomelo ter uma boa conversa, a maioria da turma estava pouco interessada, pois não conseguia entender bem como era aquilo tudo. Muitos já estavam cansando daquela explicação. Foi quando Vomelo pediu licença para buscar alguma coisa que tinha deixado do lado de fora da porta. O que seria a tal coisa?

Vomelo voltou para a sala com uma caixa de papelão. Ele foi abrindo a caixa de papelão com cuidado e, de lá de dentro, tirou uma outra caixa de madeira, com um pito de cera, coberto por uma

proteção de tela: era uma colmeia de jataí. Aí, a canseira sumiu. A turma se desarrumou, foi levantando das carteiras, pois todos queriam ver tudo de perto.

Depois que a turma se fartou de olhar para umas dez abelhas que estavam de guarda no pito, Vomelo pôs a mão no fecho que prendia a tampa. Asefe ficou meio confuso: se a tampa fosse aberta, as abelhas não fugiriam?

Porém, a dúvida de Asefe foi afastada pela surpresa. Olha só o que o Vomelo aprontou: ele colocou um plástico transparente em cima da caixa. Dava de ver as jataís, mas elas não fugiam.

Então, a turma esqueceu o pedido da professora, para ‘não fazer vergonha’; olhavam e falavam todos ao mesmo tempo. Vomelo se afastou um pouco e se fartava do entusiasmo dos alunos, que queriam ver mais, ver várias vezes, e falar das emoções que estavam sentindo.

A professora se aproximou dele para trocar umas ideias e ficaram um tempo conversando baixinho.

No momento em que os dois consideraram que todos tinham visto e falado o suficiente, a professora pediu que cada um voltasse para seu lugar e Vomelo baixou a tampa da caixa, travou e colocou, outra vez, dentro da caixa de papelão.

Quando tudo se aquietou, a professora agradeceu

ao ‘Professor Melo’, que agradeceu a oportunidade e disse da alegria de poder contribuir para o conhecimento deles sobre a vida natural e agradeceu também o carinho com que foi recebido.

Na hora em que Vomelo foi saindo da sala, Asefe pediu para professora se ele podia ir com Vomelo até ‘em casa’, pois queria aproveitar a oportunidade para fazer um pedido.

A diretora da escola também quis ‘ter uma palavrinha’ com ‘seo’ Melo e com Asefe. Os dois aguardaram um pouco até ela atender outra pessoa e logo foram recebidos no Gabinete da Direção.

A diretora agradeceu muito a visita de Vomelo, dizendo que a escola é da comunidade e que o ‘saber da vida’ precisa entrar na escola. Elogiou muito o aluno Asefe, sempre interessado nas questões ecológicas e que incentiva os colegas a cuidar das árvores do pátio da escola.

Aí, tocou o sinal de término das aulas e a mãe, que tinha saído um pouco antes do trabalho dela, já estava esperando em frente à escola.

Quando chegaram ‘em casa’, logo, o pai também chegou e Vomelo almoçou com eles, na correria, porque vida de empregado depende de horário apertado. Assim, em dois tempos, Vomelo pegou a caixa de papelão e foi indo para o Jipe dele e Asefe

foi ficando agoniado, até o pedido sair pela boca:

– Vomelo, o senhor pode deixar essa jataí aqui comigo, por uns dias... – arriscou Asefe.

Vomelo parou, ainda de costas. Demorou um pouco e foi virando devagar. Tinha, na cara, um sorriso que dizia que ele concordava:

– Mas, aonde você vai colocar a jataí? No teu quarto?

– Na varanda. Quero colocar a jataí na varanda...

– No chão?

Asefe, suplicante, olhou para o pai. E o pai entendeu a angústia dele:

– ‘Seo’ Melo, pode deixar. Se elas puderem esperar pela tardinha, eu coloco uma prateleira na varanda; onde o senhor achar melhor.

– Precisa ser um lugar ao abrigo de ventos fortes.

– Então, é fácil. Ali, naquele canto, é um lugar assim.

Asefe não se conteve. Primeiro, abraçou e beijou o pai; depois, correu até Vomelo e, na emoção, quase derrubou a caixa que ele segurava com todo cuidado.

Vomelo, então, passou as orientações e os cuidados que a família toda deveria ter com as novas vizinhas: não bater na caixa, pois batidas podem

prejudicar as larvas que estavam nos discos de cria; não ficar o tempo todo tirando a caixa dali e abrindo a tampa para mostrar o ninho para os curiosos; prestar atenção se as formigas e as lagartixas não estavam atacando a colmeia e se as abelhas estavam trabalhando regularmente, com as operárias saindo e entrando nas horas mais quentes do dia.

Assim, quando a noite começou a apagar o sol, a colmeia de jataí já estava no lugar combinado, do jeito que Vomelo orientou. Esperaram anoitecer de todo e, com cuidado, retiraram o ‘copo de tela’ que Vomelo tinha inventado para prender as abelhas sem machucar o pito de cera.

Naquela noite, as jataís e Asefe dormiram pouco. Elas, reorganizando os pequenos estragos ocasionados pelo transporte e pela mudança de direção da caixa. Asefe, preocupado com algum ladrão interessado nas amigas dele, na lagartixa que vivia na varanda e no perigo das abelhas se perderem numa cidade estranha para elas.

Antes de clarear o dia, Asefe já estava na varanda, esperando a saída da primeira abelha. Entretanto, quem chegou antes foi a mãe, lembrando que era dia de aula e que as abelhas estariam bem ali, que ninguém iria mexer nelas. Pediu que ele controlasse a agonia e fosse se arrumar para ir à escola.

Alguns amigos esperavam com ansiedade. Eles falavam das abelhas-sem-ferrão. Se nem a professora sabia da existência delas, como é que Asefe inventou de saber isso?

Chegando, ele explicou que tudo começou com uma formiga viva carregando uma formiga morta, que foi ‘roubada’ por uma vespa. Voltou a contar como foi que conheceu Vomelo, a montanha, as jataís e as mandaiaias.

Ao invés de saciarem as curiosidades com tantas informações, parecia que estavam cada vez mais curiosos. Asefe, cheio de si, tinha chegado ao ápice de importância. Foi aí que lembrou que tinha uma novidade concreta: aquela caixa de jataís estava na varanda da casa dele. Ele tinha pedido e Vomelo deixou as abelhas. O pai colocou uma prateleira na varanda e, agora, todos poderiam ver as jataís trabalhando. Se a mãe deixasse ele mostrar...

Quando entraram no pátio da escola, alunos de outras salas se juntaram a eles e todos queriam saber mais; perguntavam e Asefe – todo importante – ia tentando explicar. Porém, faltava muito para ele saber sobre abelhas-sem-ferrão. Bom mesmo seria se Vomelo estivesse ali e respondesse cada pergunta para que ele próprio pudesse entender melhor.

Muitos queriam que Vomelo fosse às salas deles

também. Asefe sugeriu que eles podiam negociar isso com os professores deles. Assim, rolou a conversa até que o sinal chamou para o início das aulas.

DE OUTRO MEL

Dentro da sala, sempre que sobrava tempo, algum colega voltava ao assunto. Foi num desses cochichos que aquela colega que mexia com os sentimentos de Asefe veio até ele e segredou:

- Na casa de minha tia, tem uma abelha.
- Dessas sem ferrão?
- Sim. Mas, acho que não é jataí.
- Ela é diferente?
- Sim. A jataí é elegante, como a Gisele Bündhen. E loirinha, também. A abelhinha da casa de minha tia é pretinha e menorzinha. Mas, bem mansinha, como a jataí.
- Será que tua tia deixa eu ver essa abelha pretinha?
- Se você quiser, posso perguntar pra ela.

E a professora acabou com o romantismo. Era hora de aula.

Porém, mesmo durante as aulas, mil ideias caminhavam pela mente de Asefe, como uma futura visita à tia ‘daquela colega’, as jataís voando pela varanda da casa dele e a possibilidade de Vomelo dar mais aulas sobre as abelhas-sem-ferrão. E, a mais forte delas, o desejo de ir outra vez até a montanha e andar novamente por entre as colmeias. Ah! Se ele pudesse...

E não era só ele que estava motivado para subir a montanha. Muitos colegas já conversavam sobre o assunto e, na hora do recreio, já tinha excursão montada para conhecer o sítio de Vomelo. O problema era como colocar todos interessados num só ônibus. O jeito foi falar com a diretora e pedir que ela comandasse a excursão. Assim, a novidade tomou conta da escola e foi motivo de conversa por uns dias. E a mãe de Asefe iniciou as negociações com o pai dela para combinar a visita com ‘seo’ Melo.

Enquanto isso, Asefe foi admirando as jataís da varanda. Antes de sair para escola, ficava frustrado porque elas eram muito dorminhocas e nem apareciam no pito.

Por isso, voltava da escola com pressa, pois sabia que as ‘meninas’ estariam de rebuliço pela varanda e que ele ia ficar ali, de mochila nas costas, de boca aberta, olhando cada uma delas, tentando identificar se eram operárias, se eram zangões, se

traziam pólen, se traziam néctar, se olhavam para ele... Meio decepcionado, concluiu que elas nem se importavam com a curiosidade dele.

Aí, a mãe chegava e mandava ele entrar, tirar o uniforme escolar, guardar a mochila e lavar as mãos para almoçar com eles, porque, a essa altura, o pai já tinha chegado também.

Na semana seguinte, ‘aquela colega’ encostou nele e disse que a tia adorou a ideia e que eles poderiam conhecer a abelhinha preta ainda naquela tarde. Mas, ... Asefe dependia da autorização dos pais... Assim, ... só para o dia seguinte. Ô, como estava longe aquele dia seguinte!!!

Os pais concordaram que ele fosse, desde que estivesse com as tarefas escolares em dia e que ajudasse a mãe naquele final de semana.

Nesse dia, Asefe foi bem cedo para a escola e não quis muita conversa. Estava se reservando para comunicar à colega que ele estava liberado e que, naquela tarde, poderiam conhecer as abelhinhas pretas. Ela disse que poderia sair só mais para o final da tarde. Era bom, porque dava tempo para ele colocar as tarefas escolares em dia. Parecia que daria tudo certo.

Naquela tarde, nem bem tinha guardado o material escolar, com as tarefas feitas, e se preparava para fazer um lanche, quando reparou que a colega já

estava em frente ao portão, com os olhos fixos na colmeia de jataí, que estava na varanda. Ficou ainda um tempo espiando pela fresta da cortina. Depois, convidou a companheira para partilhar do lanche. Ela não quis. Já havia lanchado. Pediu apenas para ficar olhando as jataís na varanda.

Asefe engoliu rapidamente uns biscoitos, colocou o boné na cabeça e acompanhou a colega até o sítio da tia dela, que ficava bem perto da cidade. Foram muito encabulados, em silêncio. Cada qual disfarçando a emoção.

Chegaram. De fato, debaixo de um beiral de telhado, havia três pequenas caixas de madeira, cada qual contendo um enxame de uma abelha miúda, menor que todas as que Asefe tinha visto na montanha de Vomelo. Logo mais, o tio da colega chegou do trabalho e foi logo saber o que tinha trazido a sobrinha, assim de surpresa.

Ela, então, contou um pouco das aventuras de Asefe e disse que se sentia orgulhosa, pois era a única da escola que, há tempo, conhecia uma abelha-sem-ferrão.

Os tios ficaram muito interessados, pois aquelas abelhas estavam ali há muitos anos, desde o tempo do pai dele. Estavam ali, sem incomodar ninguém. As caixas nunca haviam sido abertas.

Asefe pensou: “Vomelo precisa saber disso. Talvez,

ele soubesse a ‘marca’ dessas abelhas.”

AULA NA MONTANHA

Rapidamente, aquele mês virou passado e se aproximava o dia da excursão. A diretora havia determinado que, naquele dia, iriam os colegas de classe do Asefe; os demais poderiam ir em outra oportunidade, se houvesse bom comportamento dos que foram e se o resultado fosse positivo para a aprendizagem escolar.

Tiveram sorte. No dia marcado para a excursão, o Sol espiava por entre poucas nuvens, soprava uma brisa fresquinha e ninguém faltou à aula.

A viagem foi animada, pois a maioria nunca tinha ido pr’aqueles lados.

Pelo caminho, a professora ia explicando que a viagem poderia ser uma boa aula de Geografia. Ia dizendo que a geografia mais importante é a aquela que fala do local em que eles viviam, a começar pela cidade, pelos bairros, pela periferia e pela área rural do município. Conhecendo essa geografia, eles aprenderiam a amar e a preservar ‘a terra deles’.

Essa ‘aula’ encheu a viagem e, num instante,

estavam chegando ao sítio do Vozé, que esperava na encruzilhada para ensinar o caminho para o motorista do ônibus. Só explicou mesmo; não quis ir junto, porque tinha muito-o-que-fazer.

E o motor roncou forte para vencer a montanha. Logo logo, entraram na mata e os galhos das árvores varriam as janelas, pois esse era o primeiro ônibus que passava por ali.

Vomelo recebeu a turma com alegria de criança; estava muito feliz. Passou a mão pela cabeça dos alunos e deu a mão para a professora, a qual foi logo dizendo que a visita era de apenas uma hora, conforme combinado com a diretora, porque os alunos teriam de estar de volta antes do final do turno da manhã.

Começaram pela varanda. Vomelo tinha preparado algumas caixas com plástico transparente, que era para mostrar o interior dos ninhos e as abelhas trabalhando. Ele queria mostrar que, apesar de todas serem jataís, cada ninho pode ser montado de forma bem diferente. Os ninhos não eram iguaizinhos, não.

Às vezes, alguns conseguiam ver a rainha andando sobre o disco de cria em construção. Aí, soltavam gritos de alegria. Só alguns, mesmo, porque a rainha sumia depressa para debaixo do invólucro.

Vomelo explicou que, quando os discos maduros –

aqueles de cera mais clara – estão bem em cima, a rainha estará mais embaixo; que ela costuma andar sobre os discos com células em construção, onde ela vai depositar os ovos férteis.

Vomelo havia preparado, também, umas bandejas cheias de copinhos com um pouco de mel em cada um deles. Os visitantes espichavam o olho para cada copinho, enquanto os narizes se embriagavam daquele cheio adocicado e a saliva vertia na boca, afogando a língua.

Antes de liberar a turma para a degustação dos méis, Vomelo fez um pequeno discurso, falando da alegria de um agricultor receber ‘a geração do futuro’, na qual ele depositava todas as esperanças de um mundo melhor, onde as pessoas viveriam em paz, sem matar umas às outras e sem destruir a Natureza para obter lucro fácil.

Em seguida, falou da importância das abelhas-sem-ferrão para o equilíbrio ambiental, para preservação das florestas e para a geração de benefícios à humanidade, como o mel, pólen, própolis – que eram artigos medicinais – e para a fixação do homem no campo, onde poderia viver com melhor qualidade de vida.

Finalmente, informou que, nos copinhos, havia mel de várias espécies de abelhas-sem-ferrão. No entanto, alguns continham mel de abelhas que não

são nativas do Brasil – das europeias ou das africanas, que são do gênero Apis – e que quem cria ápis é apicultor. Disse que o mel de ápis é denso, mais grosso.

Entregou, então, uma colherinha de plástico para cada visitante e pediu que saboreassem com vagar, fazendo gosto na língua, tentando identificar de que espécie era cada mel. Alertou que tomassem cuidado, pois os méis de abelhas-sem-ferrão são mais ralos, mais finos, e que escorregam mais facilmente. Que um gosto mais acentuado, como uma pequena acidez, poderia ser característica daquele mel em particular e que isso não indicava suspeita de que aquele mel estivesse estragado.

Então, virou um conversedo animado. O pessoal andava de um lado para outro tentando provar mel de muitos copos. E todo mundo discutindo o gosto diferente de cada mel e tentando adivinhar de qual abelha era. É claro que todos identificaram com facilidade o mel de ápis, pois, além das explicações de Vomelo, já conheciam aquele mel.

Quando só tinha sobrado o plástico branco de cada copo, a professora exigiu silêncio e Vomelo falou das características de cada mel. Concluiu dizendo que a intenção dele era despertar o interesse deles pelo mel de todas as abelhas-sem-ferrão e que identificar o mel de cada espécie era tarefa para mais tarde.

Ajudado pela professora, pela orientadora pedagógica e pelo Presidente da Associação de Pais e de Professores que acompanhavam a excursão, Vomelo levou a turma para ver o meliponário que ficava ao lado da casa. Ali estavam as mandaiaias.

Fez uma palestra, falando das abelhas-sem-ferrão em geral e finalizou falando especificamente das abelhas daquele meliponário: de como ele havia conseguido as primeiras colônias, como fazia para multiplicar os enxames, para acompanhar o desenvolvimento das famílias novas, para prevenir de predadores, como as formigas, as lagartixas, os gambás e os pássaros que engolem insetos.

Até aí, Vomelo tinha conversado com um ou outro aluno; conversa sem divulgar muito os assuntos. Então, depois de falar bastante, Vomelo disse que quem quisesse podia perguntar. Ele sabia pouco, mas, tentaria responder.

Uma aluna comentou, meio distraída:

– Essa abelha parece com a que pica a gente...

Vomelo explicou:

– São, de fato, parecidas, até com as mesmas cores. Mas, reparando bem, vamos ver que o final do abdome das mandaiaias é arredondado, diferente do abdome pontudo das ápis, que termina com um ferrão.

– Por que as abelhas africanas picam a gente e os bichos? – perguntou um menino que lembrava bem das ferroadas que levou tempos atrás.

– O mel é muito gostoso, como vocês acabaram de provar. As abelhas precisam defender o alimento delas... As ápis defendem o depósito de mel delas picando quem se aproxima, mesmo que nem seja pra roubar mel. As mandaçaias voam ao redor, para assustar. Se o enxame for bem forte e a gente mexer no ninho, elas podem também morder com as mandíbulas, como fazem as formigas cortadeiras. As manduris e as tubunas são as mais defensivas; elas atacam onde a pele é mais macia, como nas pálpebras, nas axilas e atrás das orelhas. As jatais e outras abelhas pequenas colam própolis na pele e nos cabelos de quem ataca a casa delas. Isso assusta muita gente...

– A gente vai ver as outras abelhas também?

– Por hoje, já tem muito para conversar e contar lá na cidade. Tem muito mais abelha-sem-ferrão por aqui. Além de jataí e de mandaçaia, tem bugia, guaraipo, tubuna, mirim, mirim-guaçu, iraiá, irapuá e manduri. Essas são todas abelhas sociais: não conseguem viver sozinhas, longe da colônia. E tem também bastante abelhas solitárias, como a mamangava e muitas outras. Mas, se a gente olhar correndo, vai confundir mais do que entender.

– Vomelo, todas as abelhas-sem-ferrão são da mesma raça?

– Aqui, como estamos todos de pé, com pouco tempo pra falar, só adianto que são duas tribos: a meliponini e a trigonini. As meliponas são maiores, como a mandaçaia que vocês estão vendo, a bugia, a manduri, a japurá, a urucu, a guaraipo, a tiúba e a jandaíra, dentre outras. As trigonas são menores e de várias subespécies, como a jataí, todos os tipos de mirins, a iraiá, a tubuna, a borá, a irapuá, a marmelada, ... A principal diferença está na geração de princesas, que serão as futuras rainhas: as princesas melíponas nascem de células comuns e as princesas trigonas só de células especiais, as realeiras.

– Verdade que tem abelha colorida? – perguntou outra aluna.

– Colorida? Toda abelha é colorida. Penso que você quis dizer ‘de cor bonita’. Sim. Toda abelha é bem colorida; para mim toda a abelha é bonita. Algumas são muito bonitas. Por exemplo, a urucu é linda. Algumas apresentam tons esverdeados, nos olhos ou no corpo mesmo. As amarelas e as rajadas são muito bonitas; a jataí, a rufiventris, a tujuba, a manduri amarela, a mirim-guaçu amarela, ... Mesmo as pretas; elas são bonitas de se ver...

– É. O mel também é amarelo... – ironizou um aluno

metido a engraçado.

– O mel. Sim. O mel também é amarelo. Além de polinizar as pequenas flores de nossas árvores, as abelhas-sem-ferrão produzem mel. Algumas mais, como por exemplo, a mandaçaia, a guaraipo e a manduri. Outras, produzem pouca quantidade de mel; porém, mel de excelente qualidade, que além de ser saboroso, possui muitas propriedades medicinais. O mel da jataí, por exemplo, ataca as bactérias e auxilia na cicatrização e na regeneração das células animais. É usado por muitas pessoas para combater afecções nos olhos.

A palestra estava ótima, mas chegou o motorista do ônibus dizendo que já estavam atrasados, que precisavam voltar logo, para poder chegar na hora combinada com a diretora.